

---

## A “Mulher de Malandro” na TV: Casos de Família e a culpabilização das vítimas de violência doméstica<sup>1</sup>

Rafael Barbosa Fialho MARTINS<sup>2</sup>  
Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG

### RESUMO

O artigo analisa a construção televisiva da figura da “mulher de malandro” – termo pejorativo popularmente utilizado para se referir a mulheres vítimas de violência cometida por seus parceiros – no *talk show Casos de Família*. A partir das performances da apresentadora, a psicóloga e a plateia do programa, as convidadas, mulheres vítimas, acabam sendo posicionadas enquanto co-responsáveis pelos abusos sofridos. A análise é feita por meio do marco teórico proposto por Erving Goffman e operacionalizada metodologicamente a partir do conceito de *footing*, responsável por identificar como os sujeitos se posicionam nas interações – aqui, como as convidadas são posicionadas como “mulheres de malandro”. Discutimos os reflexos da retórica neoliberal que coloca a permanência nas relações como uma escolha.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Casos de Família*; *talk show*; SBT; violência doméstica.

### INTRODUÇÃO

Mulher de malandro sabe ser  
Carinhosa de verdade  
Ela vive com tanto prazer  
Quanto mais apanha  
A ele tem amizade  
Longe dele tem saudade  
[...]  
Ela briga com o malandro  
Enraivecida, manda ele andar  
Ele se aborrece e desaparece  
Ela sente saudade  
E vai procurar  
[...]  
Muitas vezes  
Ela chora  
Mas não despreza o amor que tem  
Sempre apanhando e se lastimando  
E perto do malandro  
Se sente bem (RIBEIRO, 2011, p. 130).

Os versos acima são da canção de Heitor dos Prazeres, *Mulher de malandro* (1932), e se consagraram no imaginário popular para se referir às mulheres vítimas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: [rafaelbfialho@gmail.com](mailto:rafaelbfialho@gmail.com).

---

violência por parte de seus parceiros. Imersas numa cultura patriarcal, machista e violenta, as mulheres brasileiras que vivenciam abusos em âmbito de intimidade sofrem, além das violações em si, uma violência simbólica que, infelizmente, é legitimada por discursos de culpabilização.

Os resultados da pesquisa *Tolerância social à violência contra as mulheres* (IPEA, 2014) comprovam que a culpabilização da mulher é uma ideia recorrente em relação ao problema da violência de gênero, seja doméstica ou sexual, já que 65% dos/as respondentes concordaram total ou parcialmente com a afirmação de que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar” e 58,5% concordaram com a frase “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”.

Mas e a mídia, qual é sua contribuição na perpetuação de discursos culpabilizantes? Ao assistirmos ao *talk show Casos de Família*, do SBT, notamos que, infelizmente, ao discutir o tema da violência doméstica, o programa acaba incorrendo na mesma prática de colocar a culpa nas vítimas pelas agressões ou pela permanência numa relação abusiva, desconsiderando todo o contexto que deveria ser levado em conta no tratamento de situações tão delicadas quanto esta.

Assim, este artigo<sup>3</sup> visa responder à pergunta: como o *talk show Casos de Família* constrói a figura das vítimas de violência doméstica como culpadas? Na análise, optamos por focar no programa enquanto uma situação de interação social, lançando mão do arcabouço de Erving Goffman para compreendermos como a figura da “vítima culpada” é elaborada no decorrer das interações que se dão no palco da TV. O conceito goffmaniano de *footing* (ou posicionamento) nos será valioso para operacionalizar metodologicamente a discussão.

Antes de continuar, uma ressalva: o termo “mulher de malandro”, apesar de problemático, nos parece pertinente para denominar o *footing* conferido a essas mulheres; não apenas porque aparece expressamente na fala da plateia, convidados e apresentadora, mas também porque se refere a uma expressão popular muito comum e aponta para uma construção simbólica que diz do modo como encaramos a realidade da violência também fora do programa.

Ao utilizarmos o termo, não queremos qualificar as convidadas segundo a pecha negativa que ele carrega, mas compreender como o *talk show* se apropria dele para alinhar

---

<sup>3</sup> Este artigo é um excerto da tese de Doutorado do autor, intitulada “O pessoal e o popular são políticos? *Casos de Família* e o debate sobre violência doméstica no *talk show*”, desenvolvida no PPGCOM/UFMG.

---

certas convidadas – o que rechaçamos veementemente, dado o tom degradante que ele confere à mulher. A começar pela expressão em si, que indica a posse da mulher a um homem: ela é mulher “de” alguém.

## **METODOLOGIA – O CONCEITO DE *FOOTING***

Numa interação, além de agirem conforme a definição da situação dada pelos quadros de referência, os sujeitos necessitam de outra baliza que localize quem é quem naquele momento. Logo, o conceito de *footing* é importante para nos ajudar responder a pergunta “quem são os sujeitos envolvidos nessa interação?”. Também referenciado como “posicionamento”, o termo corresponde à constante atividade de definição de uma imagem de si e do outro que os atores projetam conforme a interação.

*Footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. Em qualquer situação face a face, os “*footings*” dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuições. Os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais, papéis sociais, bem como intrincados papéis discursivos (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 107-108).

Logo, empreender análises utilizando o conceito de *footing* nos permite verificar o desempenho das identidades sociais e linguísticas dos sujeitos em interação, visualizando as formas pelas quais essas identidades emergem, se constituem discursivamente e influenciam diretamente as interações. Assim, um mesmo indivíduo adota variados posicionamentos dependendo da situação, do contexto em que ela ocorre e dos demais sujeitos nela envolvidos. Em uma interação, essas posições são desenvolvidas, negociadas e modificadas a todo momento, e tais movimentos são inerentes à fala natural (GOFFMAN, 2002).

Interessa-nos captar o jogo em que o *footing* ajuda a definir quem é quem na interação, e os possíveis embates que surgem a partir desses alinhamentos – os quais evidenciam as relações de poder imbricadas na narrativa, já que indicam quem pode definir os posicionamentos, quem pode ou não resistir aos posicionamentos e quem define o que está acontecendo ali. Analisar toda essa atividade é crucial para a compreensão da discussão sobre a violência empreendido pelo programa, já que

---

determinados posicionamentos podem contribuir para reforçar ou refutar argumentos problemáticos que circulam na sociedade a respeito do tema.

Goffman (2002) inclui como elementos da análise o dito e o não dito, itens aparentemente “banais” como gesticulação, sincronia de mudança de olhar, evidência de atenção, expressões faciais, movimentos corporais e tantos outros indicativos do modo como os sujeitos se colocam e colocam os outros na interação. Wysocki (2010) ainda lista outras pistas paralinguísticas, como as pausas, o tempo da fala, as hesitações, a entoação, o acento, o tom, a distância entre os interlocutores e suas posturas, elementos que serão levados em conta também em nossa análise de *Casos de Família* (referenciado a partir de agora como *CF*). Como *corpus* de pesquisa, selecionamos 14 edições completas do *talk show*, cujo tema central era a violência doméstica contra a mulher, o mesmo recorte da pesquisa de Doutorado da qual advém este artigo.

## ANÁLISE

Inerente a toda interação face a face, o ato de posicionar-se também pode ser visto em *Casos de Família*, e constitui-se como uma das principais estratégias de engajamento do programa. Ao longo das edições, vemos tentativas de apresentadora, psicóloga, convidados e plateia se posicionarem na interação, mobilizando sua fachada e sua performance para gerenciar as impressões do outro<sup>4</sup>. Como isso se dá reflexivamente, por mais que o indivíduo tente se afirmar, é necessário que os outros parceiros aprove o posicionamento proposto. No programa, raramente os *footings* acionados pelos convidados são aceitos pela apresentadora, especialista e plateia. Neste jogo, definem-se os papéis de cada parceiro da interação, que remontam diretamente aos tipos morais do melodrama: a Vítima, o Justiceiro e o Traidor (MARTÍN-BARBERO, 2013).

A apresentadora é a grande condutora/controladora da situação de interação. Vimos que, embora a construção dos *footings* se dê coletivamente, ela é a principal responsável por estabelecer quem é quem nos casos, mesmo que os convidados resistam a essas “etiquetas”.

---

<sup>4</sup> Para quem não conhece o programa, um brevíssimo resumo da estrutura de interação: O programa é apresentado pela jornalista Christina Rocha, que entrevista mulheres vítimas de violência doméstica, as quais são acompanhadas por alguém que vai defendê-la (amiga/o, parente, vizinha/o). O agressor também é chamado ao palco, e as entrevistas com os convidados continuam. A psicóloga fixa do programa, Anahy D’amico, e a plateia participam ativamente: alguns membros do auditório fazem perguntas e comentários sobre os casos que ouviram e a perita dá seu parecer especializado.

---

Em relação às convidadas, a narrativa do programa é impulsionada por uma pergunta central – por que uma mulher aceita ficar com um homem abusivo? – que aposta nas reações de surpresa, indignação e incompreensão do público. A indagação nos impele a engajar na história por conta de seu caráter controverso, já que as convidadas, mesmo sofrendo abusos físicos, morais, psicológicos, parecem não fazer nada além de reclamar e, muitas vezes, defender o próprio algoz.

“Agora, pior ainda é você ter ficado com uma pessoa assim que te bate”<sup>5</sup> – a frase proferida pela apresentadora sintetiza e representa sua postura quando julga as convidadas como culpadas ou pelo menos co-responsáveis pelos abusos sofridos. Assim, mesmo se afirmando como a legítima defensora das mulheres, ela usa métodos e discursos controversos, segundo os quais a permanência nas relações abusivas seria pior que a agressão em si.

A culpabilização direta ou indireta não nos parece gratuita; pelo contrário, serve muito bem ao preceito melodramático de mobilizar as emoções da plateia: a raiva e indignação: “Ao mesmo tempo que a gente fica com raiva de homem que bate, dá raiva também mulher que vem e fala e não faz porcaria nenhuma”<sup>6</sup>, sinaliza a apresentadora.

A expressão popular “dedo podre”, recorrente para qualificar a mulher que se relaciona apenas com homens violentos, também contribui para responsabilizar a mulher por estar em relacionamentos abusivos porque, segundo esse termo, ela teria uma característica inata – o dedo podre – que a faria apontar e escolher homens violentos ou maus companheiros. Além de colocar a culpa de relações violentas apenas na mulher, tal expressão popular é questionável ainda porque naturaliza as relações desiguais ao condicionar a mulher a aceitar situações de agressão por conta de uma característica dela.

O termo é bem difundido no vocabulário brasileiro, o que comprova o forte diálogo do programa com a cultura oral popular do cotidiano. Assim, tal construção simbólica vai ao encontro da mensagem de culpabilização/responsabilização das mulheres pela violência doméstica que sofrem – termo “dedinho podre” é usado até mesmo por Anahy.

Conforme o discurso de Christina, apesar das condições, o sujeito (a mulher) tem que agir em favor de si mesma, algo complicado de se afirmar em casos de violência doméstica, nos quais uma tomada de decisão da mulher pode culminar em feminicídio.

---

<sup>5</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/Ryn4EnUwEHY>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>6</sup> Programa disponível em: <https://dai.ly/x55po44>. Acesso em: 27 out. 2020.

---

Assim, a mensagem do programa dita pela apresentadora é ambivalente, e mistura aconselhamento, encorajamento e culpabilização:

Tem mulher que merece [...], porque tem mulher que tem medo e não sai [...]. Eu sempre falo, o medo paralisa a gente. Qualquer... No trabalho, na relação, juro. Por mais que a gente tenha medo, você tem que agir. Então tá bom, eu caso, eu apanho, no caso a mulher, eu tenho que me separar, mas eu tenho medo dele fazer alguma coisa pra mim, então eu não vou fazer nem B.O. não sei o que, porque ai não, não quero morrer, então vou ficar com ele mesmo, porque, ah se eu me separar ele vai me achar... Se fosse assim, ninguém ia fazer nada na vida, gente<sup>7</sup>.

Um forte ponto de desqualificação da mulher seria seu papel de mãe, que, segundo a apresentadora (acompanhada da psicóloga), seria prejudicado pela vivência dos filhos em um lar violento. Há então uma dupla camada de culpa, uma pelo seu papel de mulher, que não deveria aceitar apanhar, e outra por sua função de mãe. É exemplar nesse sentido o caso de Daniela<sup>8</sup> que, além de sofrer abusos do ex-marido, é dependente química e tem filhos, que viram objeto de extensa explanação da apresentadora. A culpabilização de Daniela por Christina acontece de várias formas: ela seria culpada por voltar para Bruno várias vezes, por ceder às suas chantagens (ele tenta suicídio todas as vezes que a namorada termina o relacionamento), por ter ido morar com o namorado tão prematuramente e principalmente por expor os filhos a situações de violência; apesar das violências que sofre, não é digna de pena da apresentadora.

Daniela tem uma performance cabisbaixa, chorosa, testa franzida, feições de desespero, mas nem isso é capaz de comover Christina ou a plateia. Anahy ressalta que a convidada é vítima de um distúrbio psíquico – a codependência em relação ao companheiro, além da dependência química – e isso não atenua o *footing* de péssima mãe reiterado pela apresentadora.

A vigilância e o controle sobre o número de filhos das convidadas também é uma estratégia de deslegitimá-las enquanto mães. Condenar ou pelo menos surpreender-se com as mulheres que têm muitos filhos é um traço recorrente do programa, o que expõe o choque entre um ideal neoliberal da possibilidade de escolha do número de filhos ou da opção pela maternidade (ou não) e as condições das mulheres que muitas vezes não têm acesso a métodos de controle de natalidade ou mesmo que optam por ter uma prole

---

<sup>7</sup> Programa disponível em: [https://youtu.be/xWi7piSpv\\_M](https://youtu.be/xWi7piSpv_M). Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>8</sup> Programa disponível em: <https://dai.ly/x55po44>. Acesso em: 27 out. 2020.

numerosa. Mesmo antes do domínio do modelo neoliberal, as classes mais altas (e masculinas) e os governos tentam legislar sobre o corpo das mulheres das classes mais baixas e sua capacidade ou escolha de ter filhos. Práticas como esterilização em massa, culpabilização pela pobreza e crítica ao número de filhos são antigas, mas recorrentes nos discursos atuais.

O questionamento é feito tanto por Christina – “Daqui a pouco engravida de novo, né?”<sup>9</sup> – quanto por Anahy, que repreende a convidada pelos quatro filhos que ela teve. As reprimendas comprovam que os corpos femininos estão sempre sob controle, e exercer uma maternidade desviante pode ser tão ou mais grave do que viver um relacionamento abusivo. Assim, os desvios representados pelos convidados e pelo programa acenam uma tentativa de retorno à ordem e atestam a força de normas e valores padronizados da sociedade – por exemplo, o que se espera de uma boa mãe.

O discurso neoliberal da escolha também é ouvido na plateia: “Apanha mulher que quer, a mulher que gosta de apanhar, porque pra sair disso é só você querer”<sup>10</sup>. Essas e outras declarações contribuem para o *footing* de mulher culpada, corroborando para a performance reativa do auditório, que indica as emoções mais apropriadas para a situação – quando Daniela<sup>11</sup> diz que ama seu agressor, alguns membros da plateia aparecem balançando a cabeça em sinal de reprovação, já indicando como eles a posicionam. O auditório também é importante para dar suporte à performance da apresentadora.

Destoando da escuta acolhedora e compreensiva que se espera de um profissional da psicologia, a performance de Dra. Anahy muitas vezes vem somar ao ritual de culpabilização das convidadas, seja em concordância ao discurso da apresentadora, seja na sua fala ao final do programa:

Christina: - Mas tem muita mulher também que volta porque quer. [...] Mas que vocês também têm culpa de sempre se envolverem com pessoas assim...

Anahy: - Você não só se envolveu, você procurou, quis, você foi atrás<sup>12</sup>.

A especialista chega a dar conselhos controversos às mulheres, como quando indica a Eronice não sair de casa, já que o marido não gosta:

<sup>9</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/6uPHeXiDLGs>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>10</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/RU7gyvyVIUs>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>11</sup> Programa disponível em: <https://dai.ly/x55po44>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>12</sup> Programa disponível em: [https://youtu.be/xWi7piSpv\\_M](https://youtu.be/xWi7piSpv_M). Acesso em: 27 out. 2020.



Agora, tem uma coisa: se você tá vivendo com um homem que você sabe que tem essa agressividade toda e você não quer sair desse relacionamento, então por que você não fica dentro de casa também? É uma coisa que eu fico me perguntando, não é verdade? Não quer separar, não quer sair fora, não quer fazer boletim de ocorrência, quer continuar com o homem que espanca cada vez que sai de casa. Então fica em casa, pô!<sup>13</sup>

No mesmo programa, Eronice tenta preservar a própria face e rejeitar o *footing* de culpada ao apresentar suas justificativas para sair de casa: ver a filha e pegar roupas e leite para o neto, retrucando Anahy: “Nem na casa da minha filha eu tenho direito de ir?”. Este é um dos raros momentos em que o convidado rebate a psicóloga, demonstrando que nem sempre as sugestões dela têm validade prática.

Até mesmo os recursos estéticos do programa contribuem para um *footing* potencialmente danoso às convidadas: quando os maridos reclamam que não gostam que as esposas usem roupa curta e salto alto, a câmera percorre, em *close*, o corpo das convidadas, dos pés à cabeça, como um modo de ilustrar o que o convidado diz. Esse movimento de câmera pode contribuir para legitimar a crítica dos maridos, confirmando o que eles dizem ou, pelo menos, colocando o corpo da mulher sob apreciação da audiência para que ela decida se as convidadas estão vestidas “adequadamente” ou não.

O recurso estético promove, de certa forma, a objetificação do corpo feminino, já que tal movimento e enquadramento de câmera não são dispensados aos convidados homens, e o mesmo recurso estético é repetido outra vez mesmo sem qualquer menção verbal dos convidados, como no caso da convidada Adriana, cujo corpo volta a ser exibido sem necessidade (conforme mostra a figura 1).

**Figura 1 - Corpo de convidada é mostrado em close**



Fonte: reprodução<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Programa disponível em: [https://youtu.be/xWi7piSpv\\_M](https://youtu.be/xWi7piSpv_M). Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>14</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/2KuiUVmFOdo>. Acesso em: 27 out. 2020.



---

Em outro programa<sup>15</sup>, numa tentativa de promover a autoestima da vítima Bruna, Christina a posiciona como uma mulher “muito linda, maravilhosa”, evocando seus atributos de beleza física como motivos para ela não mais se submeter a abusos de Ricardo, o que é problemático porque reitera a vinculação da imagem da mulher à beleza e ao objeto de desejo masculino – e nisso estaria o seu valor. Além disso, ao afirmar que Bruna “merece um cara sensacional”, Christina vincula a felicidade da convidada a um outro relacionamento.

A câmera acompanha o discurso da apresentadora, focando o corpo de Bruna em *close* dos pés à cabeça (de frente e de costas); Bruna é solicitada a percorrer o palco e ir até à plateia para que os convidados digam o “mulherão” que ela é. Ela traça um vestido colado, curto, decotado, usa salto alto e é negra. O ritual de apreciação pública do corpo de Bruna pode ser visto ainda como um ato racista, ao condicionar o valor da mulher apenas aos seus atributos físicos; como uma mulher negra, implicitamente ela estaria disponível aos demais homens (da plateia ou não) após sair da relação violenta com Ricardo. O viés racista aparece também no elogio de uma mulher da plateia, que chama Bruna de “negra linda”, como se ela fosse bonita apesar de ser negra.

Por tudo isso, na adaptação melodramática dos casos de violência doméstica, o programa inverte o que se esperaria em relação à abordagem da vítima: ela é alinhada na interação como culpada, em referência direta à figura moral do Traidor, provocando sensações terríveis; a Vítima merece pena, a Traidora não.

Como traidora, a convidada seria responsável por trair i) todas as mulheres, já que não se valoriza e não compreende que fere a identidade coletiva feminina ao se relacionar com abusadores, ii) as mães, por não exercer a maternidade de forma saudável e iii) os filhos, deixando-os expostos a situações de violência que podem comprometer seu desenvolvimento psíquico.

A mulher da música de Heitor dos Prazeres, assim como as convidadas do programa, parece não se importar com as agressões que sofre, e como procuram os companheiros de volta, infere-se que elas gostem de apanhar. Ou seja, pelas lentes simplificadoras do melodrama, precisamos dividir os polos de forma muito clara, tendo que achar culpados e inocentes; como a mulher aceita ficar com seu algoz, ela só pode ser culpada também.

---

<sup>15</sup> Programa disponível apenas no arquivo do autor, pois foi deletada do Youtube.

---

Isso mostra que o melodrama, atrelado ao machismo estrutural, é mais que um formato imposto pelo programa, mas diz de um contexto cultural que organiza a própria realidade sobre violência doméstica, e que por sua vez, se espalha no imaginário em discursos, músicas etc. Como uma matriz cultural, o melodrama faz sentido dentro e fora do programa, estruturando a construção simbólica da violência doméstica que culpabiliza a vítima ao posicioná-la como uma Traidora.

O discurso de culpa imputado às convidadas que as tornam Traidoras, apesar de não ser novidade, encontra sustentação e se veste de nova roupagem a partir da retórica neoliberal, que celebra a livre vontade individual, a despeito de todo um contexto que por vezes inviabiliza o exercício desta vontade. Segundo essa ótica, viver ou manter uma situação de violência doméstica muitas vezes pode ser uma opção das mulheres, que da mesma forma, teriam todas as alternativas de saírem do ciclo violento.

O grande perigo dessa linha de raciocínio é a consequente culpabilização da mulher, já que, segundo essa perspectiva, todos os indivíduos teriam possibilidade de se agenciar, por mais adversas que sejam as condições. Nos casos de violência doméstica, então, toda mulher, por mais desafortunada que fosse (financeira e socialmente), poderia sair das situações de abuso, cabendo somente a ela tomar essa decisão. Permanecer nessas relações seria escolher, querer e até mesmo gostar de sofrer violência. Essa lógica perversa está presente nas falas de Christina, Anahy e a plateia, estando ora mais ora menos evidente.

Johanna Oksala (2019) mostra que uma corrente comum no feminismo, apesar de não ser consenso, já fazia uma leitura da produção da subjetividade feminina a partir da noção de poder disciplinar apropriada de Foucault (visível, por exemplo, nos rituais de beleza e padronização do corpo). Com as mudanças impostas pela racionalidade neoliberal, foi preciso atualizar as bases críticas para a compreensão da nova construção da subjetividade, agora marcada por dois traços especialmente prejudiciais às mulheres, segundo Rago (2019): a subjetividade concorrencial (ou sociabilidade competitiva) e a figura do empresário de si.

Wendy Brown (citada por Oksala) explica que se no liberalismo os ideais de auto-interesse e auto-orientação eram praticamente impossíveis de serem vividos de acordo com a feminilidade padrão (dada a submissão e renúncia dos interesses pessoais relegados às mulheres), mudanças no conceito de família, de parentesco e relações íntimas, cada

---

vez mais regidas pelas lógicas de mercado e custo-benefício, possibilitaram uma maior assimilação da racionalidade neoliberal.

Porém, essas transformações não significam a liberdade propagandeada pelo *slogan* neoliberal da escolha irrestrita de melhores opções. Pelo contrário, o que as feministas apontam é que a governamentalidade tem se efetivado como uma outra forma de controle, que não substitui o poder disciplinar, mas complementa-o e intensifica-o. A sujeição de gênero ocorre, agora, por discursos e mecanismos de racionalidade econômica, com um foco excessivo na livre escolha como se as mulheres já dispusessem de plenas condições de igualdade para optar. É o que vemos espreado no discurso de *CF*, que enquadra a violência doméstica e rompimento do ciclo que a caracteriza como meros frutos de escolhas dos indivíduos. No caso das mulheres, especificamente, isso só contribui para culpá-las, reafirmando as relações de poder que as subjuga.

O problema óbvio com esse foco excessivo na escolha é que as mulheres não podem escolher o poder do mesmo modo como podem escolher entre diferentes vestidos de casamento. As mulheres têm de fazer suas escolhas em uma rede de relações de poder altamente desigual, que não apenas restringe suas possibilidades e opções, mas constrói suas próprias subjetividades. [...] A ideia de que os sujeitos femininos têm interesses e identidades estáticos que precedem suas escolhas, e as relações de poder nas quais estão inseridas, obscurecem os aspectos sistemáticos e constitutivos do poder masculino. Isto quer dizer que, paradoxalmente, a crença nas possibilidades ilimitadas de liberdade e escolha torna as mulheres mais, e não menos, vulneráveis ao sexismo (OKSALA, 2019, p. 135).

Aliás, pensando à luz da racionalidade governamental que guia a subjetivação neoliberal, a culpa da mulher seria ignorar ou não dar conta da tarefa de empreender a si mesma, já que, permanecendo em uma relação que a desmerece, ela sinaliza uma inércia, dando provas de que não está “correndo atrás” nem “fazendo por merecer” o sucesso do grande empreendimento que é ser mulher hoje. A submissão à violência doméstica acena, então, como um fracasso digno de sanção pública. A equipe institucional, composta por indivíduos-empresa, estão ali para atestar que estão em vantagem se comparados aos convidados, dado o fértil terreno da livre concorrência neoliberal. Ou seja, há uma concorrência no nível da subjetividade na qual quem ganha é quem melhor administra o “eu empresa” (para a qual uma relação abusiva é um erro grave).

---

O poder é cada vez mais compreendido como simplesmente outra coisa que as mulheres podem escolher. Dentro desse quadro, o fato de que muitas mulheres escolham ser donas de casa ou dispensem oportunidades de trabalho mais exigentes e bem remuneradas é entendido claramente como sua própria escolha. Os impedimentos ao sucesso político e social são pessoais ou psicológicos, e não políticos. Porque o sujeito neoliberal é um átomo livre de autointeresse, totalmente responsável por navegar pelo domínio social utilizando cálculos de custo-benefício, aqueles que fracassam podem culpar apenas a si mesmos (OKSALA, 2019, p. 134).

Tal argumento é falho porque ignora o fato de que em relações abusivas muitas vezes a opressão mina qualquer iniciativa própria da mulher, além de haver outros tantos motivos para a permanência, como prezar pelos filhos, condição financeira, estigma social da mulher separada. Vejamos um trecho de uma longa explanação da apresentadora que é sintomática nesse sentido:

Christina: - É claro que a gente entende. Ah, é muito fácil a Christina falar porque ela não tá numa comunidade e ela não tá aqui ferrada, sem grana e não tem pra onde ir. Claro que a gente entende obviamente, não é? Mas não é por causa disso, porque senão todo mundo que fosse mais pobre, que morasse em uma comunidade, ia aceitar tudo que a vida tá impondo pra você. Não é verdade? A gente tem que fazer mudar isso.

Janaina: - Ontem mesmo eu fui fazer uns currículos pra entregar pra eu trabalhar.

Christina: - Mas não é questão de currículo, eu faria coisa em casa pra eu mesmo vender, comprava água e revendia no sinal. Negócio de currículo, que currículo! [em tom impaciente] Formado tá mandando currículo, tá tudo desempregado, não é verdade? Mete bronca! [...] Por mais dificuldade que a gente tenha a gente não pode falar “não posso porque não tenho...” [...] Sabe o que parece? Que a gente não tem saída, a gente tem saída. Sempre tem uma saída. Agora só porque eu sou duro, sou ferrado, moro numa comunidade, moro numa casinha cheia de gente... Então vou falar “Tá bom, então eu nasci assim, eu sou um porcaria mesmo, tô aqui, vou ficar a vida inteira mesmo nessa casa, nessa comunidade, sofrendo, apanhando porque eu soffro”. Não é assim, gente, não é assim<sup>16</sup>.

A fala repete o padrão visto em outras pesquisas sobre *talk shows*, os quais desconsideram e/ou amenizam os fatores e limitações contextuais dos problemas abordados, focando demasiadamente no indivíduo, e em vez de politizar questões pessoais, acabam individualizando problemas políticos (SHATTUC, 1997): é o que vemos no caso de Janaina, que mesmo desempregada e com um filho recém-nascido, é

---

<sup>16</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/6uPHeXiDLGs>. Acesso em: 27 out. 2020.

---

convocada a “ir à luta”, se submeter a condições precárias de trabalho – a precarização das condições trabalhistas é outro traço neoliberal –, pois tudo depende dela.

Dentro do dispositivo (dispositif) do neoliberalismo qualquer indivíduo é considerado “igualmente desigual”, como afirma Foucault. Exploração, dominação e todas as outras formas de desigualdade social são consideradas invisíveis como fenômeno social no sentido de que a condição social de cada indivíduo é julgada como nada mais do que os efeitos de suas escolhas e investimentos (HAMANN, 2012, p. 109).

Por isso, no programa há a tentativa de descolamento da sujeição à violência das condições materiais e psíquicas, quando na verdade este é um problema complexo e multifatorial. Sutilmente, essas colocações reiteram um princípio-chave da governamentalidade neoliberal que, além de todos os indivíduos poderem perseguir seus interesses, imperativo é que eles o façam (OKSALA, 2019). João Freire Filho, citando Nikolas Rose, reitera que os cidadãos-consumidores do neoliberalismo não são apenas livres para escolher, mas são obrigados a serem livres, guiando seus passos e experiências a partir da livre escolha:

Eles devem interpretar seu passado e sonhar seu futuro como desdobramentos de escolhas feitas ou ainda por fazer. Tais escolhas, por sua vez, são vistas como materializações dos atributos da pessoa que escolhe – expressões de personalidade – e refletem-se de volta sobre a pessoa que as efetuou (ROSE, 2005 apud FREIRE FILHO, 2008, p. 97).

Não negamos que a independência financeira é uma das principais vias de rompimento com o ciclo da violência; contudo, entrar no mercado de trabalho não implica automaticamente no fim da relação abusiva – é o caso da convidada, que mesmo fazendo “bicos”, ainda vive com o marido agressor. Vemos aqui um vestígio da lógica neoliberal, que numa empresa de si, em que o trabalho – precarizado, diga-se de passagem – conduz a um sucesso individual e um autoaprimoramento que se espalha para outras áreas da vida.

Por sua vez, o discurso psi de Dra. Anahy também serve ao melodrama em *CF* pois considera que as mulheres podem sair das relações se quiserem, levando à culpabilização que as posicionam como traidoras/culpadas na estrutura dramática melodramática. Imersa na cultura terapêutica neoliberal, a atuação do poder pastoral de Anahy faz sentido e reveste de governamentalidade algo que, na verdade, só contribui

---

para o princípio básico do melodrama: o julgamento moral dos personagens, agora embasado e embalado em um saber especializado. A governamentalidade, com princípios de autogestão e autoaprimoramento, delega a responsabilidade do problema da violência doméstica apenas às mulheres. Uma declaração da psicóloga é ilustrativa disso: “Não adianta o governo agir, é claro que é necessário proteger, tal, mas enquanto a mulher não entender que ela não precisa viver isso, que ela não depende de homem pra viver, é parceiro de vida, companheiro de jornada”<sup>17</sup>.

## CONCLUSÃO

O programa revitimiza as convidadas ao acrescentar mais uma camada de culpa a outras que já podem estar sobrepostas antes da gravação – uma imposta pelas próprias vítimas (a autculpa) e outra apontada pelo entorno familiar ou da vizinhança. Daniela, por exemplo, reclama que está cansada de ser alvo de chacota das pessoas por apanhar do marido, o que mostra o quanto o *footing* de “mulher de malandro” é anterior à exposição midiática e danoso para ela. Ao participarem do *talk show*, as convidadas recebem mais ataques culpabilizantes, além da publicização nacional das outras camadas citadas.

Embora relembrem as rodas de reflexão feminista dos anos 60 e utilizem esse modelo como uma estratégia retórica de atrair o público feminino e legitimar-se como um fórum voltado às mulheres, os *talk shows* na verdade se aproximam mais da prática da confissão religiosa, que implica em uma culpa a ser expurgada. No caso das convidadas de *CF*, esse ritual se dá frente às câmeras e parece não ser suficiente para sua absolvição.

Assim, ao fazer exatamente ao contrário, o *talk show* do SBT se afasta da herança feminista, investindo justamente na culpa das “mulheres de malandro” como um aspecto excêntrico. Como resultado, emergem discursos de controle típicos da disciplina que, nas formas neoliberais de governamentalidade, exigem o policiamento constante das fronteiras entre normalidade e desvio. Como já dissemos, o controle exercido no programa incide especialmente sobre as mulheres, público preferencial a quem é direcionada a maioria dos conselhos da equipe institucional.

Convém sublinhar ainda que a culpabilização da vítima feminina em casos de violência e feminicídio é estratégia recorrente em coberturas midiáticas, às quais *Casos*

---

<sup>17</sup> Programa disponível em: <https://youtu.be/ut2E8zHu2vY>. Acesso em: 27 set. 2020.



---

*de Família* faz eco, repetindo padrões de representação estigmatizantes e revitimizantes seja na televisão ou jornal impresso (INSTITUTO, 2019).

## REFERÊNCIAS

- FREIRE FILHO, João. Mídia, Subjetividade e Poder: Construindo os Cidadãos-Consumidores do Novo Milênio. **Lugar comum**, n. 25/26, p. 89-103, 2008b.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Teles. GARCEZ, Pedro M. (orgs). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- HAMANN, Trent. Neoliberalismo, governamentalidade e ética. **Ecopolítica**, n. 3, p. 99-133, 2012.
- INSTITUTO Patricia Galvão. **Imprensa e direitos das mulheres**: papel social e desafios da cobertura sobre feminicídio e violência sexual, 2019.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- OKSALA, Johanna. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 115-138.
- RAGO, Margareth. Foucault em defesa de Eva. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 175-190.
- RIBEIRO, Branca Teles. GARCEZ, Pedro M. (orgs). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RIBEIRO, Manoel P. Formações discursivas: o malandro e a violência contra a mulher na MPB (1930- 1945). **Rev. ABRAFIL**, n. 8, jul. 2011, p. 122-134.
- SHATTUC, Jane. **The talking cure**: TV talk shows and women. Londres: Routledge, 1997.
- WYSOCKI, Bruna. A mudança de footing numa entrevista televisiva: construção e reconstrução de imagens sociais. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 941-953, mai.-ago. 2010.
- IPEA. **Relatório da pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”**. 04 de abril de 2014.